

Nossos eventos e nosso setor de eventos

Em breve, mais um evento de grandes proporções promovido pelo Departamento: aproximadamente 60 trabalhos, previsão de 180 participantes, quatro eixos norteadores, o II Colóquio, em fins de agosto, tem tudo para repetir o sucesso do primeiro, em 2009. E o setor eventos¹, como de praxe, está à frente dessa organização hercúlea, a todo vapor, montando mesas, comunicando-se com palestrantes, checando inscrições, preparando a filmagem, arrumando o cafezinho. Nesta conversa, resolvemos matar a curiosidade e dar uma espiada em como acontece esse trabalho, como brotam as ideias, de que forma surgem os temas, como escolhem um convidado. Direto da fonte, juntamos em um mesmo Diálogos, um número recorde de entrevistados² (oito participantes ao todo, contando conosco): Bernardo e Dione, dos primeiros tempos do setor, Fernanda e Ligia, dos tempos atuais, e Lila, de tempos anteriores e tempos presentes. Partindo da deixa do acontecimento em agosto, o papo rumou para a estreita relação entre nossos eventos e a história do Departamento, para a relevância de um evento como política científica de um grupamento de transmissão de psicanálise, e, porque não, como alimento para a produção de saber. Ou seja, superou nossas expectativas. Deixou-nos também a sensação de que nossa história oral guarda riquezas a respeito do processo de maturação do saber psicanalítico do grupo de professores e, mais tarde, do Departamento, e como tal, está carecendo de melhores cuidados.

Boletim: Começamos nos dirigindo a vocês que fazem parte do grupo que compõe o setor atualmente. Às portas do Colóquio sobre Transferência, gostaríamos de nos remeter ao primeiro Colóquio³, sobre o Hans, em 2009. Como foi bolar aquele evento e o que vocês levaram daquela experiência?

Lila: Bem, acho que sempre que falamos das origens, temos mais de uma versão. No meu modo de entender, houve algo que acontecera antes que foi muito determinante: era uma ideia de se fazer um evento aberto, promovido pelos 3 departamentos de psicanálise⁴, no ano em que o Sedes comemorava 30 anos. Foi uma ideia minha e da Ada (Morgenstern), havíamos proposto um evento que congregasse os membros dos diferentes departamentos de psicanálise do Sedes, de forma horizontal, e que fosse, inclusive, aberto a participação de psicanalistas de outras

¹ Membros da atual gestão do setor eventos: Fernanda Ferrari Arantes (coordenadora), Ada Morgenstern, Flávia Blay Levisky, Julia Eid, Leonor de Carvalho Franco, Ligia Paula Silber Rabinovitch, Maria Engracia Garcia Perez, Patricia Fraia.

² Nomes completos, em ordem alfabética, e mini-cvs, ao final do texto.

³ Colóquio 100 Anos de Psicanálise com Crianças, promovido pelo Departamento, para comemorar os 100 anos da publicação do texto “Análise da fobia de um menino de 5 anos”, em 28 e 29 de agosto de 2009.

⁴ Departamento de Psicanálise da Criança, Departamento de Formação em Psicanálise e Departamento de Psicanálise

instituições, nos moldes do Estados Gerais da Psicanálise. Não deu certo por uma série de razões, mas nós ficamos com essa semente de realizar algo mais expressivo. O que confluía com nossa vontade de experimentar outros formatos. Nós nunca havíamos feito, não é Dione, um evento aberto, de receber trabalhos de todo o Brasil. E deu muito certo: o retorno foi bem grande, recebemos muitos trabalhos. E para nós, do Departamento, e principalmente, do setor, foi muito intenso.

Fernanda: Trabalhamos bastante. Acho que o fato de ser um evento tão diferente dos que já havíamos feito, fez com que nos colocássemos em um outro lugar para trabalhar.

Ligia: Do ponto de vista do trabalho, o setor estava em um momento muito propício: foi quando entramos Maria Engracia, Gabi⁵ e eu, recém-formadas do curso de especialização, super animadas, sangue novo! Não tínhamos a mínima ideia do que iria acontecer! Acho que aprendemos muito ali, com a experiência mesmo, com o volume da demanda de trabalho de bastidores.

Boletim: Para esse evento, vocês acham que inovaram não somente em termos de abrir para receber trabalhos do país inteiro, mas também em termos de convidar determinadas pessoas, de determinadas instituições, com as quais, na história do Departamento – e aí Dione pode nos ajudar – nós não tínhamos muito costume de dialogar?

Dione: Com instituições não, mas pegávamos expoentes da psicanálise em determinados assuntos para participarem dos nossos eventos. Mas nunca havíamos feito algo com a abrangência que foi feita nesse colóquio. Nós tínhamos que privilegiar os professores e ter uma pessoa de fora, até mesmo para poder ter um chamariz maior. Então sempre funcionou com esse esquema. Mas tudo isso que foi feito no primeiro colóquio, acho que foi uma conquista.

Lila: Vejo aí duas coisas diferentes: fizemos lá atrás dois eventos muito interessantes e muito fortes que foram o *Mente e Mídias* e o *Organização Familiar na Contemporaneidade*⁶. Tínhamos mesas compostas com profissionais de diferentes áreas (desde Gilberto Safra e Maria Rita Kehl, a Eugênio Bucci e Padre Julio Lancelotti), com resultados bastante interessantes. Isso não temos no Colóquio, tanto no primeiro quanto no de agora. Outra grande diferença é que, no Colóquio, você pulveriza o protagonismo: quem desejar, pode se propor a falar, bastando para isso submeter o trabalho à comissão científica. Nosso interesse é muito mais na troca do que propriamente em chamar expoentes para virem falar no nosso evento.

Ligia: tanto naquele colóquio, como neste de agora, trabalhamos com eixos norteadores dos assuntos e, nesse sentido, os únicos convites que fizemos foram

⁵ Gabriela di Giacomo Domingues, ex-integrante do setor

⁶ “A Organização Familiar na Contemporaneidade, a Criança e a Psicanálise”, realizado em 22 e 23 de outubro de 1999, e “Mentes e Mídia – a criança na era digital, realizado em junho de 2000.

para psicanalistas os quais gostaríamos de ouvir falar sobre determinados recortes. Reconheço também, no evento passado, isso que a Lila fala de uma horizontalidade das conversas. Tivemos um grande número de produções e isso facilitou que as pessoas transitassem entre os colegas.

Fernanda: acho que, além de termos feito convites para psicanalistas de outras instituições, a gente também fez, e faz, questão de valorizar a nossa prata da casa, os professores do Departamento. Então, tivemos o cuidado de sempre compor as mesas com algum de nós e com alguém de fora, assim como vamos fazer nesse próximo Colóquio.

Ligia: E tivemos também a preocupação de montar as mesas, levando em conta quem conversa com quem, sempre nos perguntando: chamamos todos aqueles que partilham de uma visão similar ou fazemos mesas com visões muito diferentes, que efeitos podem ser produzidos? Foi um trabalho bem volumoso!

Lila: e foi uma delícia...

Boletim: bom, estamos falando do nosso primeiro Colóquio, que teve dimensões bem avolumadas, se comparadas a outros eventos que o Departamento já havia realizado. Mas gostaria de retomar uma linha do tempo e saber de vocês o que vêem de diferenças – ou não – nesse espaço produtor de eventos e nos eventos em si que realizamos. E lembrar também da presença da Cecília, (Maria Cecília Comparato), que foi uma figura importante para o Departamento como um todo, com uma participação destacada na área dos eventos, uma espécie de força nos bastidores, com seus muitos contatos tanto na psicanálise quanto nas áreas afins.

Dione: foi um longo caminho até chegarmos nos moldes de um evento como o do Colóquio do Hans. Porque o setor de eventos começou com você, não é Bernardo? E com a Audrey (Setton L. De Souza) e com a Cecília (Comparato).

Bernardo: Sim. Talvez uma coisa que seja importante destacar é que houve um processo com relação aos eventos que não pode ser desvinculado do que aconteceu com o curso de psicanálise da criança. Parece-me que a ideia de eventos tinha a ver com ir criando uma política científica para o Departamento, abrangendo dois aspectos: trazer pessoas de fora com as quais tínhamos vontade de estudar e aprender; mas também, ao se criar um Departamento, instaurar a possibilidade de que os professores do curso, e mais tarde, alunos, ex-alunos, pudessem também falar, expor suas ideias, os temas que estavam estudando, pesquisando. E isso tudo foi muito tímido, no início.

Lila: até porque era do curso, não é Bernardo, não havia Departamento.

Bernardo: é, era do curso. Os professores estavam acostumados a falar no curso, para os alunos. Alguns, como Audrey e eu, haviam feito pós-graduação, e tinham um trânsito maior com a realização de pesquisas – o que não necessariamente implicava que tinham mais o que falar, mas seguramente mais experiência em outros espaços. Entendo que havia duas questões importantes nesse momento: o nascimento do Departamento, o que envolvia o crescimento e o amadurecimento desse grupo de professores, e também, o início da construção de uma política científica de quem convidamos para um evento, do porquê convidamos tais

pessoas e não outras. E com isso, ajudávamos também o crescimento e o amadurecimento do curso, do Departamento, mostrando o quê aquele curso tinha como proposta, o quê aquele grupo de professores tinha a dizer sobre a psicanálise de criança, quem eram nossos interlocutores, que cara queríamos mostrar para fora; a meu ver, tudo isso estava envolvido com a questão de eventos. Era um programa de desenvolvimento científico e amadurecimento institucional, digamos. E acho que essas questões perduram até hoje.

Lila: tivemos um primeiro evento que foi realizado somente com professores do Departamento, o Recortes Clínicos⁷; depois, em 2006, um segundo, com alguma participação de membros do Departamento e não somente professores, que foi o Extensão da Clínica⁸. Esses foram eventos inteiros sem ninguém de fora. Para se gestar isso, Bernardo, na época, foi um processo grande, não sei Dione se lembra...

Dione: claro, eu entrei no setor de eventos muito antes, logo no início, em 1995, e lembro-me que, nessa época, tudo o que fazíamos tinha que ser reportado à CG (Coordenação Geral do Departamento). Não sei como está hoje.

Fernanda: hoje vejo que estamos sempre em diálogo com a coordenação geral, na verdade, mais compartilhando o que pensamos, o que decidimos. Essa troca acontece mensalmente na CG.

Lila: é, estamos falando de épocas diferentes dentro do Departamento, e de posturas diferentes também. Eu entrei para o setor em 2004. Já Dione e Denise⁹, que ficaram também muito tempo na coordenação do setor, pegaram um outro tempo de Departamento, foi mais no começo, já que viramos um Departamento em 1997.

Bernardo: Os primeiros eventos foram mais tímidos. O primeiro de maior dimensão foi “Do Infantil em psicanálise `a psicanálise com crianças”¹⁰, que tinha a ver com nosso diálogo com a Silvia Bleichmar, lá do começo. Ao mesmo tempo, nessa época, estávamos montando também, Audrey e eu, o curso de expansão “Psicanálise com Crianças: a Constituição de um Campo”, que damos até hoje. Nós éramos muito poucos e estávamos construindo o que pensávamos ser a constituição de um campo de análise de crianças e a noção conceitual do infantil. Era uma tentativa inicial de como é que a gente cria um campo de diálogo nesse universo tão plural, que engloba Melanie Klein, Winnicott, Dolto. Queríamos entender como criar um campo de diálogo entre esses recortes. Por isso que minha visão de eventos em psicanálise sempre foi de política científica.

Boletim: isso foi quando?

⁷ “A Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Recortes Clínicos”

⁸ “Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Extensões da Clínica”, evento promovido pelo Departamento em 2006.

⁹ Denise de Sousa Feliciano

¹⁰ evento promovido pelo Departamento em outubro de 1995.

Bernardo: em 1995

Lila: Nessa época, quando realizamos esse evento sobre o Infantil, a Cecília (Comparato) era uma figura muito forte no setor de eventos. E, principalmente, mais tarde, na elaboração dos dois eventos que se transformaram em livros, o A Organização Familiar na Contemporaneidade, a Criança e a Psicanálise, e o “Mentes e Mídia.

Bernardo: é, esses foram eventos posteriores, com um diálogo maior com pessoas de fora. Em um deles veio a Maria Rita Kehl, a Bel Kahn.

Boletim: e também pessoas que não eram psicanalistas, falando de temas afins, como o Eugênio Bucci, o Norval Baitello.

Lila: o padre Julio Lancellotti, lembro do título da mesa dele: “a criança de casa e a criança da rua”. Acho que é importante retomar algo que a Dione falou: nessa época, o curso, e não só a CG, tinha uma influência muito grande no setor eventos. Lembro-me que discutíamos os nomes de todas essas mesas em reunião de curso. O que hoje fazemos no setor, e temos completa autonomia, naquela época, passava pela CG, mas passava até muito mais pelo curso, pela discussão com os professores.

Bernardo: claro, porque o Departamento era o curso. E nós nos perguntávamos: vamos criar um departamento? Será que temos massa crítica para criar um departamento? Temos número de ex-alunos suficiente para compor um departamento? O que é muito diferente da realidade atual. Quer dizer, no nosso curso, a entrada da Psicanálise, forte mesmo, não era ainda tão forte. Era um curso voltado para a clínica com crianças, mas a entrada da Psicanálise tinha se dado havia pouco tempo. A implantação do curso de Psicanálise com Crianças, a mudança do nome, tudo isso foi chegando aos poucos, então o Departamento foi crescendo ao longo desses anos. Por isso, acho que o Colóquio é a expressão maior desse crescimento.

Dione: e o setor de eventos caminhou paralelo `a criação do Departamento.

Lila: na verdade, ele preexistia ao Departamento. Quando fundamos o Departamento, o setor teve um lugar oficial. Porém, já gozava de uma certa autonomia porque já contava com muitos quilômetros rodados. Mas não deixava de ser muito atravessado, ainda que extra-oficialmente.

Ligia: acho interessante pensar isso hoje, onde o setor é um exemplo bem sucedido da sucessão de gerações, a coordenação não é mais de um professor. Claro que contamos muito com a presença dos professores que lá estão.

Lila: é, mas temos aí, nesse exemplo, a autonomia de fato. Outro ponto a ressaltar é que as reuniões do setor sempre tiveram um certo tom festivo, o que, de fato, um evento acaba promovendo também: uma congregação entre os colegas, um festejar estar junto. A gente tem muitas intenções com os eventos: que haja um debate teórico, um aprendizado, uma troca, elaborações, mas o que a gente tem certeza que se realiza, de fato, é o encontro, é uma abertura de pensamento; circula-se mais entre os colegas, conhece-se o que estão pensando. Temos, depois, um rendimento interno disso, algo que vai para além do que acontece ali,

no momento. Entendemos que muito se realiza também na comemoração também, nos bons encontros.

Boletim: acho curioso que esse setor, fora o setor curso, seja o que mais tenha participantes.

Fernanda: e temos mais ex-alunos do que professores.

Ligia: e é uma maneira de inserção no Departamento muito gostosa, sempre falo isso para as pessoas que estão terminando o curso, para que venham para o setor. Além de tudo, trabalhamos muito bem, mantemos nossa reunião quinzenal, mas claro que na iminência do II Colóquio, também nos falamos muito via email, torpedo, Facebook, por conta do grande volume de trabalho. É um lugar de inserção muito prazeroso.

Boletim: podemos dizer que esse é um setor que está sempre girando em torno do Departamento, no sentido de suas programações estão sempre de olho no momento do Departamento, no que seus professores estão produzindo, etc. Mas como se virar no meio das tais diferenças entre linhas, pensamentos, modos de enxergar a constituição do sujeito? O que se faz com essa profusão de línguas em um momento de planejamento de um evento, uma vez que, parece, é uma marca da clínica com crianças, não tem como fugir disso.

Dione: é, não tem como fugir disso, naquele tempo já percebíamos que não havia como fugir disso, teria que haver uma pluralidade no tratamento com a criança. É plurifacetado: tem que ter o pediatra, o professor, a mãe, e procurávamos trazer essa pluralidade.

Fernanda: E uma preocupação que continuamos tendo no momento de escolher nossos convidados é de sempre chamar pessoas que trabalhem com crianças, efetivamente. Assim, reforçamos o trabalho com crianças do Departamento. Nossa busca é para pessoas que possam falar da clínica com crianças.

Lila: essa pluralidade do curso é meu bem, meu mau: temos extremo apreço por essa pluralidade, o fato é que uma conversa mais aprofundada e elaborativa entre abordagens distintas é mais difícil, uma vez que, no plano das articulações teóricas, tem-se eixos que apresentam conflitos entre si. Então, para que de fato aconteça um evento, temos sentido que conseguimos exposições que convivem bem e pessoas que conversam, mas não que de fato a gente consiga nos eventos articulações teóricas, digamos. Por isso, no último evento, sobre as organizações familiares¹¹, buscamos aquele formato um pouco diferente, em que se expunha um caso e, a partir dele, a conversa acontecia. Em torno do caso, me pareceu que as trocas se deram de uma forma mais fluida e possível.

Bernardo: Vale a pena aprofundarmos esses tópicos: sobre essa questão do pluralismo, lembrei-me do que André Green estava fazendo ultimamente. Green, que faleceu neste ano, convocou, nos últimos dez anos, um número enorme de psicanalistas, na França, de diferentes vertentes teóricas. Ele vinha trabalhando

¹¹ Os Movimentos de Subjetivação nas Configurações Familiares Atuais, realizado pelo Departamento em 26 e 27 de agosto de 2010

com o que ele chama de **psicanálise contemporânea**, algo que seria mais ou menos assim: bem, houve uma época, digamos, entre 1940 a 1980, que prevaleceu a era das escolas, na qual cada qual desenvolvia o seu caminho, separadamente, e havia uma espécie de doutrina a ser seguida em cada uma; atualmente, essa posição não se sustenta mais, há mudanças que estão acontecendo em relação a pensar os afetos, a linguagem, e isso em todas as linhas. Não há mais isso de uma linha pensa linguagem e a outra não, uma pensa o Real e a outra Imaginário. Essa polarização simplista obedece, ao meu ver, a motivações políticas e de mercado, mais do que científicas. O foco seria como é que tudo isso dialoga entre si, como é que se cria um campo, em um momento em que a Psicanálise está sendo muito atacada pelas terapias cognitivas, pela psiquiatria, as crianças estão sendo medicalizadas.

Boletim: e qual o papel dos eventos em torno disso?

Bernardo: Os grandes eventos nos ajudam a ver o que está acontecendo no mundo da psicanálise. Acho que eles têm um papel importante nesse contexto. No nosso caso, no curso de especialização, temos os seminários dos diferentes autores, e os alunos fazem suas costuras, na medida do possível. Mas, do ponto de vista de uma política científica do Departamento, de como o Departamento se situa no campo da psicanálise, aí são os eventos e, mais precisamente, o tipo de evento que se organiza. que vão dizer um pouco o que o Departamento está pensando sobre como tratar essas questões.

Dione: eu queria lembrar que também instauramos uma faceta para dentro do Departamento que foram as Jornadas Internas: paralelamente ao que se fazia nesses eventos de maior porte, internamente começamos a promover encontros para que os alunos mostrassem seus trabalhos.

Fernanda: é, as três primeiras Jornadas do Departamento contaram com muitas participações, tanto de apresentações quanto de alunos que estavam assistindo, prestigiando essa troca com os colegas. Mas depois disso, tivemos um declínio tanto de público quanto de trabalhos enviados.

Lila: acho que precisamos escutar um pouco mais o que acontece com os alunos porque, por exemplo, na Jornada que seriam em maio agora, e que não aconteceu, sabemos que houve um empenho do setor para que os alunos do ano passado apresentassem suas monografias, mas só foram inscritos dois trabalhos. E para fechar o quadro, na do ano passado, tivemos apresentações interessantes mas não tivemos público, a maioria era professor.

Boletim: só gostaria de pegar carona no que a Lila falou e perguntar, vocês acham que precisamos escutar mais os alunos?

Bernardo: quanto a isso da participação das pessoas em eventos, acho que houve uma mudança nos últimos anos muito forte com o crescimento dos espaços universitários, a pós-graduação, os cursos de especialização... Trabalhamos muito para dizer: o curso de psicanálise da criança é um curso de psicanálise com ênfase em psicanálise com crianças: estuda-se Freud, mas também Klein, Winnicott, então o aluno se forma psicanalista. Fomos crescendo, com um engajamento forte dos professores, que culminou com o evento anterior ao I

Colóquio. Deixamos de ser o “curso das crianças”. Antes, no Sedes, éramos vistos como a cria do curso de Psicanálise. Foi como se, naquele momento, tivéssemos atingido uma maioridade. Houve um grande salto, acho. Mas é um salto que é preciso sustentar.

Boletim: daí também valorizar a prata da casa, como disse Fernanda?

Bernardo: sim, insisto que um evento não é só quem você traz, mas os professores, os alunos, os membros, todos poderem participar. Uma coisa que eu questionava muito – e ainda questiono – era: é interessante convidar alguém que tem uma estatura, mas sobretudo, alguém que, futuramente, possa reconhecer-nos como maiores de idade. Porque senão ficamos no consumo do que o outro produz e não vamos para a maioridade.

Boletim: mas fugimos da questão dos alunos...

Bernardo: acho que essa diminuição de público não acontece somente conosco, há questões que tem a ver com o campo da psicanálise. Como o nosso assunto, psicanálise da criança, é um recorte mais específico. Outro tema a ser avaliado é o crescimento das terapias comportamentais, cognitivas, que estão cada vez mais em voga. É um conjunto de elementos que vão fazendo as resistências à clínica psicanalítica e à demanda por formação.

Lila: queria retomar a questão que vocês levantaram, se estamos precisando escutar mais os alunos. Acho que sim. Poderíamos propor um segundo momento de encontro com os alunos, após a apresentação do Departamento para o primeiro ano do curso, aí já no segundo semestre, mas mais de escuta e não mais de apresentação.

Boletim: é importante não perder de vista de que forma nós, como setores que representam espaços dentro do Departamento, como conseguimos, cada vez com maior propriedade e maior nitidez, dar essa noção de que adentraram um Departamento.

Lila: e entendendo que esses espaços são necessários para a formação, não somente o curso. Concordo com o que Bernardo diz: acho que a expectativa não é que fique todo mundo mas que fiquem pessoas interessantes e interessadas.

Bernardo: e que as pessoas tenham vontade de se ouvir. Acho que uma questão interessante de se desenvolver em sala de aula é que os alunos não fiquem com o ouvido só ligado ou no professor, ou no palestrante, mas que os pares tenham vontade de se ouvir. Então, o que vocês estão falando e pesquisando, das monografias, a gente tem que ter vontade de ouvir o que o colega está falando, e ser ouvido não pelo professor mas pelo colega. Acho que essa é uma mudança de postura. Mas não acho, de novo, que é somente no Departamento. Acho que isso acontece no mundo. E criar um clima em que as pessoas desejem escutar e falar para seus pares, querer trocar, acho que isso é importante.

Ligia: percebi essa troca no nosso primeiro colóquio. Aliás, para mim, essa é a essência de um evento é: onde a gente tem vontade de ir, ouvir, conversar, comer, circular.

Lila: e eu lembraria aí que os espaços menores, como o Cinema e Psicanálise e a Jornada Interna são dois espaços muito gostosos, que temos conseguido aproveitar bastante.

Ligia: em termos de maioria, como foi dito aqui, percebemos a presença de colegas de outros departamentos do Sedes que vêm e vêm conversar muito tranquilamente conosco. Então isso é muito legal em termos da tal maioria.

Boletim: mas que também há uma intenção do setor eventos, que não percebo em outros departamentos, de convidar pessoas de outros departamentos para participarem das apresentações.

Ligia: é, é verdade, temos bastante.

Bernardo: acho que nosso Departamento consegue dialogar mais com o diferente, com o outro.

Boletim: eu diria que é menos fóbico.

Bernardo: sim, concordo. E os outros departamentos no Sedes têm uma história de cisões que nós não temos. E em torno das questões da psicanálise com crianças, no nosso Departamento, temos, por exemplo, o Grupo Acesso, que são dois departamentos trabalhando juntos. E aí, volto ao tema da psicanálise contemporânea: acho importante ver quais heranças carregamos, como na própria história infantil de cada um, e perceber como a gente fica apegado a essas histórias. Talvez haja um tempo de começar a rever histórias e perceber que algumas já foram perdendo o sentido. Outras não. Nosso Departamento é mais livre nesse sentido, mais acolhedor das diferenças, em alguns aspectos.

Lila: por outro lado, eu estava lembrando dos Recortes Clínicos, que aconteceu em 2004, e hoje, 8 anos depois, o que considero pouco tempo, o Departamento percorreu um caminho que é como se hoje estivéssemos falando assim: “venham, já temos um espaço para oferecer! Temos muita coisa boa! Alunos, podem vir que a gente segura a onda”. Então, essa nossa inquietação, a falta que sentimos, talvez seja um pouco correlata de uma certa expectativa que temos porque agora temos um lugar.

Boletim: para finalizar essa conversa tão importante em termos de história do Departamento, como estão as expectativas para o evento em agosto?

Ligia: a expectativa para o Colóquio, em agosto, é de muito suor: recebemos muitos trabalhos bons, mais de sessenta, de pessoas de fora do estado de São Paulo, e de outras instituições aqui da cidade de São Paulo.

Fernanda: a expectativa é que ela seja um evento tão bom quanto o do Hans: que possamos mostrar nosso trabalho, receber os de fora, promover essa troca. E que venham outros colóquios no futuro!

Nome completo e apresentação dos entrevistados: (aqui e no texto abaixo a letra tem q ser uns2 pontos menor)

Bernardo Tanis, psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicanálise da Criança do ISS; foi professor do Curso Teoria Psicanalítica da PUC-COGEAE, ex-Diretor de Comunidade e Cultura da Federação Psicanalítica Latino-americana (2007-2008), editor da Revista Brasileira de Psicanálise (2010 até a presente data); autor de *Memória e Temporalidade – Sobre o Infantil em Psicanálise; Circuito de Solidão: entre a clínica e a cultura*; co-autor de *O Livro de Ouro da Psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*; co-organizador de *A Psicanálise nas tramas da cidade*; autor de trabalhos e capítulos de livro sobre Psicanálise.

Dione Maria Pazzetto Ares, médica e psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise da Criança do ISS.

Fernanda Arantes, psicóloga, especialista em psicanálise com crianças, membro do Departamento de Psicanálise da criança do ISS, coordenadora do setor de eventos do mesmo Departamento, mestranda em psicologia pelo IPUSP.

Ligia Paula Silber Rabinovitch, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise da Criança do ISS.

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila), psicanalista, membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicanálise da Criança do ISS, professora e supervisora do curso de especialização em Psicanálise da Criança do ISS.